

O Ensino do Acordeon para Deficiente Visual: superando novos desafios

Cláudio Nóbrega de Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claudionp2012@hotmail.com

Resumo: Este trabalho implica em um relato de experiência docente sobre o ensino e aprendizagem de acordeon para um deficiente visual que participou como aluno no curso de extensão “Introdução ao Estudo do Acordeon”, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade do Natal/RN. Por se tratar de um curso aberto à comunidade, é comum aparecer alunos que já tenham algum conhecimento prático no acordeon, no entanto, eles sempre buscam aprimorar suas técnicas próprias desenvolvidas a partir do autodidatismo do músico que aprendeu a tocar com amigos, parentes ou mesmo observando outros acordeonistas mais famosos, e com o aluno Ivanaldo não foi diferente, seus anseios também eram de aperfeiçoar e desenvolver novos conhecimentos através do acordeon. Ao término do semestre, o mesmo já conseguia executar com desenvoltura as escalas estudadas, utilizando todos os dedos de ambas as mãos com precisão e independência.

Palavras chave: Deficiência Visual, Ensino do Acordeon, Metodologia Músico-Adaptada.

Introdução

Quando iniciei o curso “Introdução ao estudo do acordeon” na Escola de Música da UFRN em junho de 2012, nunca imaginei que um dia teria em sala de aula um aluno com deficiência visual, apesar de o curso ser aberto à comunidade. Visto que, a maioria dos músicos autodidatas “que tocam de ouvido” não se preocupa muito com a parte teórica e todos os sanfoneiros com deficiência visual que eu conhecia, até então, eram músicos práticos e não queriam nem saber de teoria musical.

O fato é que, a partir daquele momento eu tinha um aluno autodidata com deficiência visual, querendo aperfeiçoar o seu jeito de tocar acordeon. Sabemos que para grande parte dos músicos autodidatas o conhecimento é transmitido de maneira informal, ou seja, em rodas de conversa, festas, comunidades, associações o que muitas vezes acarreta (inconscientemente) uma troca de vícios entre eles, já que para quem está ensinando, aquela maneira foi a mais cômoda que ele achou para executar determinado trecho musical, com isso, a pessoa que está recebendo essa informação a repetirá do

mesmo modo com que lhe foi transmitida. Tourinho (2007) ressalta que, os autodidatas inicialmente observam o que desejam aprender e em seguida imitam o que foi observado, tendo como referência os resultados sonoros obtidos.

Durante minha formação acadêmica aprendi que o professor deve buscar maneiras para facilitar a compreensão do conteúdo, fazendo com que o aluno assimile seus ensinamentos. Como na época eu ainda não tinha conhecimento teórico/prático com o ensino da musicalização em BRAILLE¹ tive que procurar outra maneira para que o aluno saísse da sala de aula com o mínimo de informações possíveis, foi aí que discutindo com ele surgiu à ideia de gravarmos o áudio no celular. Segundo Bertevelli,

[...] todos os meios capazes de contribuir para o desenvolvimento dessa capacidade são valiosos, já que a maioria dos contatos com o mundo depende de sua percepção e interpretação do som. É necessário educar essa sensibilidade e percepção auditiva (BERTEVELLI, 2007, p.163).

No presente trabalho, apresentarei como o uso do telefone celular contribuiu para o aperfeiçoamento das técnicas de digitação no acordeon e como um aluno deficiente visual.

Metodologia

Ao darmos início às gravações, eu executava lentamente o exercício a ser estudado tocando nota por nota no teclado do meu acordeon, falando a nota que estava sendo tocada e o dedo que deveria ser utilizado. Primeiro foi gravada a melodia (mão direita), em seguida o acompanhamento (mão esquerda), por fim, gravamos outro áudio (do mesmo exercício) na velocidade normal com que a música deveria ser executada. De acordo com Bozzetto (2003, p. 9-10), “o que torna-se relevante é a função que esse aparelho digital assumiu como meio de ligação entre experiências musicais do aluno com a sua aula semanal”.

Nos primeiros exercícios, o aluno obteve uma rápida compreensão e conseguiu executá-los com facilidade, com isso, resolvi aumentar o grau de dificuldade, dando

¹ Sistema de leitura com o tato para deficientes visuais, criado pelo francês Louis Braille no ano de 1827 em Paris.

continuidade ao conteúdo com o ensino das escalas maiores inicialmente só no teclado do acordeon. Nesse momento, o conhecimento de músico prático de certa forma “atrapalhou” o aprendizado, devido a uma digitação inadequada das escalas, apesar de executar algumas músicas com destreza o aluno utilizava apenas três dedos da mão direita e dois dedos da mão esquerda.

Ao tocar a escala de Dó maior, o aluno conseguiu fazê-la sem dificuldades, porém, quando pedi que tocasse a mesma escala novamente, só que dessa vez ascendentemente e descendentemente, ele não conseguiu concluí-la porque se atrapalhou com a troca de dedos na passagem do Fá para o Mi, isso aconteceu porque ele empregou uma digitação diferente da anterior para fazer a mesma escala. Também foi perceptível a ausência de uma homogeneidade sonora, ou seja, as notas não eram executadas com precisão, o que popularmente é conhecido no meio musical como “tocada imbuluada²”.

Mudar uma digitação no qual o músico já está habituado há anos não é tarefa fácil. Para que isso aconteça, o aluno tem dar o primeiro passo no sentido de querer mudar, apesar da dificuldade inicial, a digitação adequada das escalas utilizando todos os dedos que o ajudará futuramente na execução de peças mais complexas e que requerem uma maior clareza na sonoridade das notas. O fato é que, uma digitação atrapalhada, e que não estabeleça uma sistematização com as conexões entre os trechos musicais, tornaria a execução no acordeon um trabalho duro de ser realizado.

A segunda parte do processo consiste no estudo das escalas maiores, só que dessa vez nos baixos do acordeon. Muitas pessoas (inclusive meu aluno) acreditavam que tocar nos baixos da sanfona³ seria mais difícil que no teclado do mesmo. Porém, isso não é verdade, pelo contrário, é bem mais fácil do que o teclado, porque ao aprendermos a digitação da escala em Dó maior nos baixos, essa mesma digitação pode ser utilizadas para todas as escalas maiores nos baixos.

Um método foi utilizado como ponto de partida para o aprendizado do aluno Ivaldo que já sabia localizar o “Dó Marcado” nos baixos. Segundo Paiva (2014, p. 24) é

² Expressão nordestina utilizada quando um trecho musical não é executado com clareza e precisão.

³ Como é conhecido o acordeon no nordeste.

“nome dado ao baixo que possui um orifício e está localizado no cento da segunda coluna dos baixos, servindo de referencial para o acordeonista localizar os outros tons”.

Iniciamos o estudo seguindo o padrão do Método Mário Mascarenhas, no qual, utilizamos o 4º dedo da mão esquerda para tocar o Dó marcado que é a tônica da escala que foi estudada e também usamos a 1ª e a 2ª coluna dos baixos para facilitar a execução da escala. A sequência de digitação foi a seguinte: na segunda coluna tocamos o baixo de Dó com o dedo 4, Ré com o dedo 2, Fá com o dedo 5 e Sol com o dedo 3, concluímos a escala na primeira coluna com o dedo 3 no Si, o dedo 4 no Mi e o dedo 5 no baixo de Lá. Paiva afirma que, “o professor tem que aprimorar sua metodologia e torná-la cada vez mais dinâmica para que, ao aprender uma informação, o educando consiga codificá-la de uma maneira que ela seja o alicerce para uma nova” (PAIVA, 2014, p. 28).

FIGURA 1 – Esquema dos Baixos do Acordeon.



Fonte: Do próprio autor.

Após algumas aulas, essas dificuldades foram sendo superadas. Passamos, então, a estudar as formações e as inversões dos acordes maiores e menores no teclado do

acordeon. Paiva (2014, p. 21) defende que é importantíssimo o professor na medida do possível utilize os conhecimentos prévios dos alunos autodidatas. Seguindo esse pensamento, resolvi então oitavar todos os acordes maiores e menores para que digitação “pé de galinha⁴”, impregnada no subconsciente do aluno fosse aproveitada, para tanto, os dedos 1 (polegar) e 2 (indicador) continuariam sendo utilizados da mesma maneira, contudo, o dedo 3 (médio) seria usado no estado fundamental e na 2ª inversão dos acordes, o dedo 4 (anelar) por sua vez, seria utilizado apenas na 1ª inversão dos acordes, a utilização do dedo 5 (mínimo) na formação de todos os acordes foi o grande diferencial na aprendizagem do aluno.

A proposta utilizada por Paiva (2014), para auxiliar seus alunos na assimilação da formação de acordes, que resolvi incorporá-la em minha metodologia. Segundo o autor, “os termos ‘Dedo de apoio’ para explicar aos alunos que determinado dedo não seria tirado da tecla, no momento da mudança de um acorde para outro e o ‘Dedo de sobreaviso’ que seria o dedo que estaria preparado para ser usado no acorde seguinte” (PAIVA, 2014, p.35).

Como exemplo, toquei três acordes sequenciados: Sol maior na 1ª inversão, Si maior no estado fundamental e Mi menor na 2ª inversão. Quando passei do acorde de Sol maior para o de Si maior os dedos 1 e 5 permaneceram nas teclas “Si” o dedo 3 estava “de sobreaviso” preparado para apertar a tecla de “Fá sustenido”. Seguindo a sequência foi a vez da passagem do acorde de Si maior para o de Mi menor, novamente os dedos 1 e 5 mantiveram-se nas teclas de “Si”.

Com a proposta de readaptação da digitação, o aparelho celular foi uma ferramenta muito útil para a memorização do conteúdo, visto que, com a ausência do material didático em BRAILLE, o aluno não teria como estudar o conteúdo em casa. Com as gravações, o aluno poderia repeti-las quantas vezes fossem necessárias até que a memorização se desse por completo. Segundo Morel (2010) ao ouvir diversas vezes uma gravação, o indivíduo acaba guardando os detalhes desse registro em sua memória.

⁴ Termo popular utilizado para designar músicos que tocam com apenas três dedos (polegar, indicador e médio) no teclado do acordeon.

No decorrer do processo educacional começamos a estudar algumas levadas voltadas para o acompanhamento do gênero musical nordestino xote⁵, que podem ser utilizadas para acompanhar cantores ou outros instrumentistas. Por ser um músico performático por em vários eventos, Ivaldo despertou mais interesse em aperfeiçoar a sua maneira de se acompanhar ao cantar. Às vezes a repetição do estudo faz com que o aluno venha a se desmotivar na busca por novas informações. É nessa hora que o professor mediará o conteúdo a ser estudado, fazendo com que o aluno construa novos conhecimentos partindo sempre das informações já assimiladas.

Com essa metodologia utilizada, constatei o quanto foi importante uso das tecnologias para o ensino de acordeon na educação especial. A praticidade do aparelho celular permitiu ao aluno ouvir o conteúdo a ser estudado quase que diariamente, visto que, ele sempre o levava para aonde ia.

Considerações Finais

Apesar das dificuldades iniciais que surgiram devido ao choque de informações entre, o autodidatismo do aluno e os novos conhecimentos no acordeon. Os resultados foram bastante satisfatórios no que diz respeito à utilização de todos os dedos de ambas às mãos, correção da digitação, precisão e independência dos dedos e desenvoltura ao executar as escalas, porém, a busca incessante por mais conhecimento faz com que o aluno necessite continuar seus estudos, para que só assim ele possa aprimorar ainda mais suas técnicas no domínio do instrumento. Paiva relata que,

são muitos os músicos que tocam o instrumento de ouvido, muitas vezes por falta de cursos regulares ou mesmo pela sua inexistência. Contudo, alguns desenvolvem certas habilidades e acabam se destacando. Porém, nem todos tem a mesma capacidade e termina desistindo ou tocando com certa limitação [...] (PAIVA, 2014, p. 42).

Espero que este trabalho possa contribuir para reflexões sobre a formação de novos acordeonistas e que futuramente outros alunos com deficiência visual também possam vir a

⁵ Ritmo musical binário originário da dança europeia schottisch, que em alemão significa escocesa.

ter essa oportunidade de aprender a tocar esse maravilhoso instrumento que é o acordeon.



XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
05 a 09 de outubro de 2015 - Natal/RN



Referências

BERTEVELLI, Isabel Cristina Dias. O ensino da Musicografia Braille dentro do contexto da inclusão de cegos: desvendando a notação musical em relevo. In: XIII Simpósio Paranaense de Educação Musical, 2007, Londrina. *Anais XIII Simpósio Paranaense de Educação Musical*, 2007.

BOZZETTO, Adriana. Músicas do Celular. In: XII Encontro Anual da ABEM/ I Colóquio do NEM – Políticas Públicas e Ações Sociais em Educação Musical, 2003, Florianópolis. *Anais XII Encontro Anual da ABEM/ I Colóquio do NEM*, 2003.

MOREL, Leo. *Música e tecnologia: um novo tempo, apesar dos perigos*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

PAIVA, Cláudio Nóbrega de. *Uma experiência de ensino do acordeon na Escola de Música da UFRN*. Monografia (Graduação em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

TOURINHO, Cristina. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: XVI Encontro Anual da ABEM/ Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007, Campo Grande. *Anais XVI Encontro Anual da ABEM/ Congresso Regional da ISME na América Latina*, 2007.